



### TRAJETÓRIAS E DEVOÇÕES: UM CATOLICISMO NEGRO NA CIDADE DE LAGUNA/SC NO PÓS-ABOLIÇÃO

Willian Felipe Martins Costa<sup>1</sup>

Doutorando em História (UDESC)



<https://orcid.org/0009-0005-7462-8794>

Recebido em: 20 de janeiro de 2025

Aprovado em: 26 de fevereiro de 2025

#### RESUMO

Este texto é uma reflexão inicial que parte de minha pesquisa de doutorado acerca das práticas de um catolicismo negro na cidade de Laguna, sul de Santa Catarina, no período do pós-abolição, tendo como um importante foco trajetórias negras. Nesse sentido, para conduzir a narrativa histórica aqui escolhi os vestígios da trajetória de Dona Altina Izabel de Oliveira Alano, mulher negra que, na virada do século, aparece em diferentes registros sociais da Igreja Católica da cidade, chamando atenção para uma importante questão em minha pesquisa: a presença e o protagonismo histórico de mulheres negras em Laguna e no sul do Brasil. As fontes utilizadas foram registros civis, religiosos e jornais. Partindo de um diálogo com perspectivas dos campos Decolonial, Pós-Colonial, Afro-diaspóricos e do Pós-Abolição, almejei constituir uma narrativa que contribua para uma ampliação

---

<sup>1</sup> Doutorando no Programa de Pós-graduação em História da Universidade do Estado de Santa Catarina sob a orientação da Professora Doutora Cláudia Mortari. Pesquisador associado ao AYA – Laboratório de Estudos Pós-Coloniais e Decoloniais da FAED/UDESC. Bolsista Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, CAPES. E-mail: will53638@gmail.com.



das abordagens sobre as experiências e (re)existências de populações negras no contexto do sul do Brasil, aliada à luta antirracista.

### PALAVRAS-CHAVE

Catolicismo negro; trajetórias; pós-abolição; Laguna/SC.

### Introdução

**N**a página de anúncios comerciais publicada no dia 4 de junho de 1899 no jornal *O Futuro*, que circulava na cidade de Laguna, no sul do Estado de Santa Catarina, a virada do século XIX para o século XX já era anunciada. A casa de negócios de Miguel Alano anunciava seus produtos importados recém-chegados com o slogan “Fim de Século”. Já o comércio da dupla Ulyssea & Cunha apresentava um slogan ainda mais drástico para chamar a atenção da clientela. Assim, suas mercadorias do gênero de secos e molhados foram anunciadas com o título de “Fim do Mundo”, seguido das palavras: “Como o mundo está para acabar [...]”<sup>2</sup>.

É certo que a virada do século, esperada com grande ansiedade e até certa esperança no mundo ocidentalizado, consolidaria ainda mais as mudanças que vinham em curso no Brasil e na cidade Juliana do sul catarinense. A conquista da Lei Áurea e a Proclamação da República, ocorridas uma década antes, catalisaram transformações

---

<sup>2</sup> *O FUTURO*, a. VIII, n. 282, 4 de junho de 1889.



sociais que marcaram esse período de transição. Na cidade, o contexto também é marcado por um crescimento econômico ocasionado pela construção da malha ferroviária que passou a ligar o interior do sul do Estado com o litoral a partir do ano de 1880. A descoberta das minas de carvão na região de Criciúma e a alta demanda nacional pelo carvão catarinense fizeram com que o porto de Laguna ganhasse destaque regional. A ampliação do porto desencadeou transformações sociais na cidade, que passou a contar com novos espaços e hábitos sociais<sup>3</sup>.

No entanto, as marcas do sistema escravista e colonial ainda permaneciam. Os bailes e serestas no Clube Blondin, inaugurado em 1887 pela classe branca dominante<sup>4</sup>, animavam as noites lagunenses após os espetáculos exibidos no Teatro Sete de Setembro, este inaugurado em 1858. Ambos os espaços negavam, de forma não oficial, a entrada de pessoas negras em suas dependências. Frente a esse cenário, grupos negros de trabalhadores fundaram seus próprios espaços recreativos aos modelos dos salões modernos da época. Assim, surgiu, em 1903, a Sociedade Recreativa União Operária e, posteriormente, em 1906, o Clube Literário Cruz e Sousa. Tais espaços, que aqui passo a entender enquanto territórios negros catarinenses, tornaram-se mais uma forma de associativismo negro no sul do Brasil.

---

<sup>3</sup> LUCENA, Liliâne Monfardini Fernandes de. *Laguna: de ontem a hoje, espaços públicos e vida urbana*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

<sup>4</sup> REIS, Aloísio Luiz dos. *“Brinca quem pode”: territorialidade e (in)visibilidade negra em Laguna - Santa Catarina*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.



Se a virada do século e os diferentes acontecimentos nacionais e regionais desencadearam, na cidade, a criação de novos espaços sociais, também houve espaços já existentes que passaram por transformações, mas, ao mesmo tempo, mantiveram algumas continuidades. Nesse cenário, refiro-me à Igreja Católica, em específico à Matriz de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. O fim do padroado e a chegada de uma agenda romanizadora – movimento interno da Igreja Católica que visou transformações profundas na instituição durante a segunda metade do século XIX e a primeira metade do século XX – encontraram uma vida social católica na cidade fortemente marcada por irmandades e devoções religiosas, bem como práticas de um catolicismo popular. Para as populações negras da cidade, que, desde o século XVIII, ocupavam o templo colonial com um altar de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, o contexto de romanização no pós-abolição foi marcado por disputas, resistências e estratégias de construção de espaços sociais. Em especial, neste texto, observaremos algumas dessas questões a partir dos vestígios da trajetória de vida de Dona Altina Izabel de Oliveira Alano.

Tal proposta surgiu a partir da minha pesquisa de doutorado, que desenvolvo junto ao PPGH da UDESC e ao Laboratório AYA, acerca de práticas de um catolicismo negro na cidade de Laguna no pós-abolição. Algumas dessas práticas surgiram ainda no contexto de escravidão e foram ressignificadas no contexto de liberdade. Pontualmente, meu foco investigativo são as trajetórias de pessoas negras que pertenceram ou estiveram articuladas, de alguma forma, à vida social católica da cidade e constituíram tais práticas. Uma dessas pessoas é a já mencionada Dona Altina Izabel de Oliveira Alano, mulher negra que, na



virada do século, aparece em diferentes registros sociais da Igreja Católica da cidade, chamando atenção para uma importante questão em minha pesquisa: a presença e o protagonismo histórico de mulheres negras em Laguna e no sul do Brasil.

Dito isso, este breve texto tem por objetivo compartilhar um pouco do meu caminhar e das possibilidades de pesquisa que venho constituindo em minha investigação. Para tanto, os vestígios da trajetória de Dona Altina, que aqui é entendida como uma pessoa da pesquisa e não um objeto de pesquisa, serão o fio condutor da discussão. Uma discussão que abordará, em uma escala local, mas não dissociada de um contexto nacional, as transformações e continuidades de uma estrutura católica onde, ao que as fontes me permitiram aferir até esta altura da investigação, uma pessoa marcada por raça, gênero e classe constituiu um lugar social de destaque.

Nesse sentido, as fontes utilizadas no trabalho historiográfico foram os vestígios deixados por Dona Altina em jornais, registros civis e registros religiosos. A proposta metodológica é uma “costura da memória”, inspiração vinda dos processos artísticos da artista Rosana Paulino<sup>5</sup>, onde diferentes fontes históricas são alinhavadas, ou seja, reunidas e analisadas (costuradas) na busca por construir uma narrativa histórica sobre a trajetória de vida de pessoas, bem como sobre um catolicismo negro em Laguna, considerando suas agências históricas na constituição de identidades, na formação de laços

---

<sup>5</sup> PAULINO, Rosana. *Imagens de sombras*. Tese (Doutorado) – Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, 2011.



de sociabilidade e no movimento por uma vida digna na América<sup>6</sup>. Tal proposta tem por base um diálogo com uma abordagem teórico-metodológica em perspectiva decolonial, em interlocução com intelectuais do campo dos Estudos Pós-Coloniais, Afro-diaspóricos e do Pós-Abolição. Além disso, almejo que essa narrativa contribua para uma ampliação das abordagens sobre as experiências e (re)existências de populações negras no contexto do sul do Brasil, aliada à luta antirracista.

### Dona Altina Izabel de Oliveria Alano: as trajetórias de vida e o catolicismo negro da Laguna

Tendo como perspectiva uma leitura de mundo que leve em consideração questões do campo do Pós-abolição em um espaço geopolítico como o da América<sup>7</sup>, acredito que na cidade de Laguna podemos identificar um catolicismo negro na segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX que foi constituído de múltiplos sentidos e cujas reverberações perduram até o tempo presente. Esses sentidos foram, por sua vez, moldados pela autonomia e autodeterminação das populações negras da cidade. Nesse sentido, meu objetivo é investigar e compreender as configurações desse catolicismo, especificamente, a partir das práticas de devoção, da realização das festas, dos conflitos, solidariedades e estratégias constituídas no cotidiano.

---

<sup>6</sup> GONZALEZ, Lélia. *A categoria político-cultural de amefricanidade*. In: Tempo Brasileiro. Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988.

<sup>7</sup> Idem.



Nesse sentido, entendo o cotidiano enquanto práticas estabelecidas por essas pessoas ao longo de suas vidas em um tecido social. Com o intuito de construir um panorama do tecido social da cidade de Laguna (elevada a cidade em 1847), com foco no contexto católico (leigo e eclesiástico), em articulação com aspectos culturais e econômicos no recorte de tempo da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, deparei-me com os jornais. Mais do que isso, deparei-me com a presença de pessoas negras dentro da Igreja Matriz Santo Antônio dos Anjos da Laguna, espaço religioso que se constitui desde o século XVIII como um dos pontos centrais na estrutura religiosa, social e geográfica da cidade<sup>8</sup>. Historicamente marcado pela colonialidade, este espaço teve seu início como uma pequena capela de pau-a-pique, erguida sob as ordens do bandeirante colonizador Domingos de Brito Peixoto, com o objetivo de marcar a posse do território e mais um posto instituído da fé cristã no sul da colônia. Nesse sentido, a presença de pessoas negras nesse espaço tão simbólico da colonialidade passo a entender como exemplos possíveis de onde podemos identificar os elementos de um catolicismo negro, como a construção de estratégias e a constituição de um lugar social. Nessa perspectiva, em minhas pesquisas pelos arquivos, encontrei pessoas como Dona Altina Izabel de Oliveira Alano.

Os vestígios encontrados de Dona Altina Alano (1846 - 1922) são principalmente

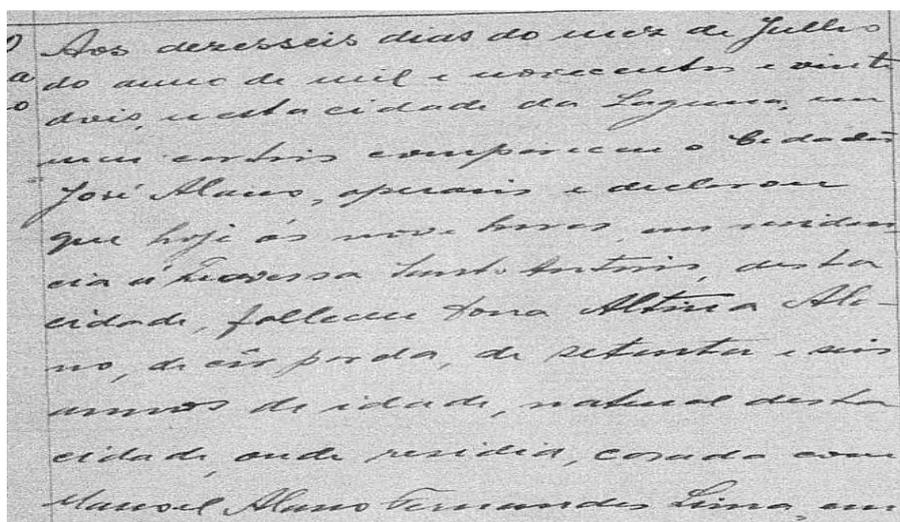
---

<sup>8</sup> LUCENA, Liliane Monfardini Fernandes de. *Laguna: de ontem a hoje, espaços públicos e vida urbana*. Florianópolis, 1998. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.



notas em jornais e registros civis. Tais registros auxiliam na construção de algumas análises, como, por exemplo, seu registro de óbito.

Figura 1 - Registro de Óbito de Altina Alano



Fonte: FamilySearch/ Laguna - Óbitos 1919, Jan-1923, Dez- imagem 98 de 195<sup>9</sup>.

Nele podemos ler sua identificação racial que não sabemos se foi atribuída por seu cunhado José Alano ou pelo sistema sociocultural do contexto. Sendo assim, identificamos que Dona Altina foi uma mulher parda. No entanto, mobilize no presente uma identificação para ela enquanto negra, entendendo essa identidade enquanto uma identidade na política, conforme problematizado pelo sociólogo argentino Walter

<sup>9</sup> Certidão de óbito pesquisada nos registros do site *Family Search*. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-65J9-BQ7?i=97&cc=2016197&cat=418063>



Mignolo<sup>10</sup>, onde a valorização da negritude, enquanto conceito e movimento, possibilita, como colocado pela professora Nilma Lino Gomes<sup>11</sup>, “uma reabilitação dos valores das civilizações destruídas e de culturas negadas”. Mais que isso, ela se constitui enquanto estratégia de luta em contextos racistas e possibilita, nas palavras do antropólogo congolês Kabengele Munanga, “uma reação racial negra a uma agressão racial branca”<sup>12</sup>. Nesse sentido, é possível identificarmos que Dona Altina fazia parte de uma população racializada.

O registro de óbito também nos permite identificar sua idade, o que nos dá uma dimensão do espaço de experiência vivenciado por ela. Sabemos que sua vida durou setenta e seis anos, abrangendo desde o final da primeira metade do século XIX até o início do XX. Além disso, o registro nos confirma um laço importante para o contexto: o matrimônio. Com base nele, podemos ler que nossa personagem foi casada com Manoel Alano Fernandes Lima.

Segundo indícios encontrados por Thiago Juliano Sayão, Manoel nasceu em uma fazenda em Aratigaúba, localidade pertencente à paróquia de Imaruí, na região lagunar. Foi identificado enquanto pardo e filho de Eva Cypriana de Jesus. Sayão também identificou

---

<sup>10</sup> MIGNOLO, Walter D. A opção de-colonial: desprendimento e abertura. Um manifesto e um caso. *Tabula Rasa*, n.8, p. 243-282, 2008.

<sup>11</sup> GOMES, Nilma Lino. Introdução. In: MUNANGA, Kabengele, *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 9.

<sup>12</sup> MUNANGA, Kabengele. *Negritude: usos e sentidos*. 4. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019, p. 14 - 15.



que mãe e filho viveram parte de suas vidas na condição de escravizada na mesma fazenda<sup>13</sup>.

Já no pós-abolição, junto de seu marido, ou às vezes de um de seus cunhados, Dona Altina aparece em sete registros de batismo entre os anos de 1880 e 1900. Em um registro específico, onde aparece como madrinha de seu sobrinho, o inocente José, filho de seu cunhado Honorato Alano e de sua concunhada Leopoldina Maria Bernardina, o nome de Altina é registrado completo: Altina Izabel de Oliveira Alano. O curioso é que, no mesmo registro, a avó materna da criança aparece com o nome de Maria Joana de Oliveira<sup>14</sup>. Seria Altina parente de Maria? A falta de outros registros de Dona Altina, como seu batismo ou casamento, impede que eu possa afirmar tal hipótese. No entanto, não seria de estranhar que os irmãos Alanos tenham se casado com mulheres que tinham laços de parentesco entre si. Além disso, tal possível parentesco nos revelaria que Dona Altina possa ter vivenciado em sua família a experiência da escravidão. No registro de matrimônio de Honorato e Leopoldina, o noivo, bem como a mãe da noiva, Dona Maria, aparecem ainda em condição de escravizados<sup>15</sup>.

---

<sup>13</sup> SAYÃO, Thiago Juliano. As heranças do Rosário: associativismo operário e o silêncio da identidade étnico-racial no pós-abolição, Laguna (SC). *Revista Brasileira de História*. São Paulo, v. 35, no 69, p.131-154, 2015, p. 142.

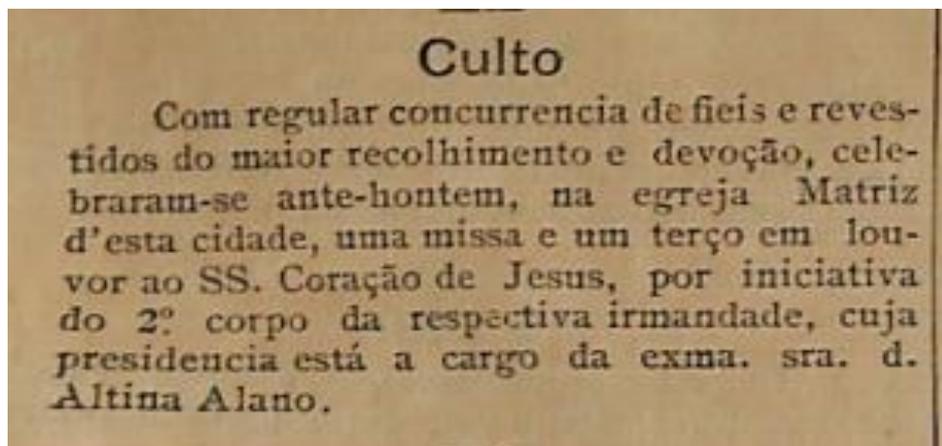
<sup>14</sup> Certidão de batismo pesquisada nos registros do site *Family Search*. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HT-65S9-255?i=566&cc=2177296>

<sup>15</sup> Certidão de casamento pesquisada nos registros do site *Family Search*. Disponível em: <https://www.familysearch.org/ark:/61903/3:1:S3HY-6GX9-WVL?cat=180099&i=54>



Acerca do marido de Dona Altina, foi possível identificar, além de sua origem, que ele mudou-se para o centro da cidade de Laguna e virou um importante comerciante da cidade. Foi membro da Irmandade de N. Sra. do Rosário dos Homens Pretos da Laguna<sup>16</sup>, fundador da Sociedade Musical União dos Artistas<sup>17</sup> e membro do Partido Republicano da cidade<sup>18</sup>. As redes de relações estabelecidas pelo esposo de Dona Altina, a partir dos espaços de circulação, podem elucidar questões acerca dos espaços sociais além da Igreja que ela ocupava. Dessa forma, é possível que nossa personagem frequentasse reuniões, eventos e atividades dessas instituições. No entanto, não podemos averiguar quais papéis ela desempenhava. O que nos leva a destacar a importância do segundo vestígio encontrado.

Figura 2 - Nota religiosa sobre a Devoção do SS. Coração de Jesus.



Fonte: O ALBOR a V, n. 179, 18 de março de 1906.

<sup>16</sup> A *IDEA*, a. I, n. 4, 19 de dezembro de 1905.

<sup>17</sup> O *Albor* - ano XXII - 17/06/1923 - N 1009.

<sup>18</sup> O *Albor* - ano X - 27/11/1910 - N 420.



No número do jornal *O Albor*, publicado em 18 de março de 1906, encontramos um registro singular. Na nota que divulgou a realização de uma prática católica na Igreja Matriz, encontramos a “Exma. Sra. D. Altino Alano”, ocupando um cargo de destaque na Devoção do SS. Coração de Jesus. Embora a presença das mulheres no circuito social possa ser identificada nos periódicos de Laguna, no final do século XIX e início do século XX, dificilmente encontramos nos mesmos periódicos a menção a uma mulher negra em uma posição de liderança. Tal achado me fez começar a pensar o ato de ocupar o espaço da Igreja Matriz protagonizado por mulheres negras. Nesse sentido, a suspeita de que as estratégias constituídas por mulheres negras na constituição de culturas políticas a partir do catolicismo eram marcadas por seus lugares sociais.

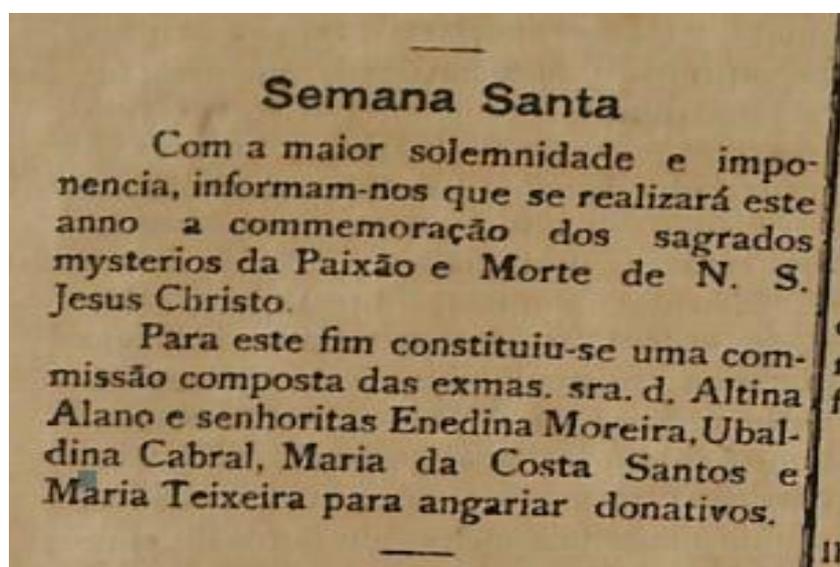
Nas fontes investigadas acerca da cidade, não identifiquei nenhuma mulher enquanto presidente, tampouco uma mulher negra. A Irmandade de Santo Antônio, a principal da cidade, era comandada por homens brancos, assim como as de N. Sra. das Dores, Passos, São Miguel e N. Sra. dos Navegantes. Já as Devoções de N. Sra. do Parto, N. Sra. da Conceição e a Irmandade do Rosário, como vimos, eram dirigidas também por homens negros.

A Devoção do SS. Coração de Jesus, no entanto, diferente das outras associações religiosas de Laguna, tem sua origem já no século XX. Sua criação veio ao encontro das ações romanizadoras apontadas pelo filósofo Riolando Azzi, onde as autoridades eclesiásticas, “enquanto se marginalizavam as antigas confrarias e irmandades”, introduziam novas associações religiosas “diretamente vinculadas ao clero, como o



Apostolado da Oração e a associação das Filhas de Maria<sup>19</sup>. Assim, a Devoção do SS. Coração formou-se em 1901, juntamente com o Apostolado da Oração<sup>20</sup> (Ulysséa, 1976, p. 188). No entanto, o papel de destaque de Dona Altina não estava circunscrito somente à Devoção do SS. Coração de Jesus.

Figura 3 - Nota religiosa sobre a semana santa



Fonte: *O Albor* - ano V - 04/02/1906 - N 173

A nota religiosa sobre a organização da Semana Santa, uma das celebrações de maior importância para o catolicismo e largamente comemorada nas tradições ibéricas,

<sup>19</sup> AZZI, Riolando. Presença da Igreja na sociedade brasileira e formação das dioceses no período republicano. In: SOUZA, Rogério Luiz de; OTTO, Clarícia (org.). *Faces do Catolicismo*. Florianópolis: Insular, 2008. 376 p. 39.

<sup>20</sup> ULYSSÉA, Nail. Três séculos na Matriz de Santo Antônio dos Anjos da Laguna. In: *Santo Antônio dos Anjos da Laguna: seus valores históricos e humanos*. Publicação comemorativa da passagem do seu tricentenário de fundação. Florianópolis: IOESC, 1976.



que seria realizada no ano de 1906, nos traz alguns indícios interessantes. Dona Altina Alano configurou-se como a única mulher casada na comissão da festa, visto que seu nome aparece antecedido do prefixo “Sra. D.”, enquanto o das outras mulheres foi publicado com o prefixo “senhoritas”. Tal indício pode nos indicar que Dona Altina não somente estava inserida na organização do ritual, mas também estava na coordenação. Sendo assim, mais uma vez nossa personagem aparece em um cargo de destaque social. É necessário pensar que tal cargo possivelmente era destinado a pessoas de confiança das autoridades eclesiásticas e que gozassem da estima dos leigos católicos de influência.

Os registros encontrados de Dona Altina Alano permitem identificar, a partir da costura de vestígios de suas práticas católicas e de sua trajetória, a construção de projetos de culturas políticas. Nesse sentido, o uso do catolicismo, aqui entendido como uma estrutura sociocultural, torna-se também uma estratégia para constituir um espaço social no contexto do pós-abolição no sul do Brasil. Com essa perspectiva, busco seguir investigando e refletindo nesta segunda parte a construção de projetos de culturas e políticas<sup>21</sup>, a partir de resistências, adaptações e reinvenções de ser e ocupar o espaço da Igreja Matriz de Laguna, no intuito de costurar uma narrativa sobre o protagonismo e as

---

<sup>21</sup> BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramón Introdução. *Decolonialidade e Pensamento Afro Diaspórico*. In BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramon BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson e GROSGOUEL, Ramon (orgs.) *Decolonialidade e Pensamento Afro Diaspórico*. Belo Horizonte, Ed Autentica, 2018. p. 9-26



estratégias de (re)existência de mulheres em uma sociedade pós-abolição, marcada por questões de raça, gênero e classe.

### Curta considerações finais: a caminhada continua

Chegado ao final deste breve texto, retomo uma pergunta que me guiou na pesquisa cujos resultados iniciais apresentei aqui: onde estão as mulheres nesse catolicismo? Acredito que as respostas para essa pergunta podem começar a ser encontradas em trajetórias como a de Dona Altina Izabel de Oliveira Alano e sua autonomia e autodeterminação na constituição de lugares sociais e do catolicismo negro em Laguna. A partir da trajetória que apresentei a você, cara pessoa leitora, sigo minha caminhada investigativa. Assim sendo, intento adensar a construção da memória de Dona Altina Alano e ampliar a tessitura de minha tese ao trazer para compô-la as trajetórias de outras mulheres negras identificadas como pertencentes à Devoção do SS. Coração de Jesus. Até o momento em que escrevo este texto, encontrei as senhoras Máxima Figueiró, Juvência Alano e Edithe Pacheco dos Reis, que, com a devida licença às suas memórias, passaram a fazer parte de minha tese enquanto pessoas da pesquisa.